DEBATES EM TORNO DA TEORIA RACIAL E URBANIZAÇÃO NA SÉRIE DE CRÔNICAS "BONS DIAS!" DE MACHADO DE ASSIS

DEBATES REGARDING RACIAL THEORY AND URBANIZATION IN THE SERIES OF CHRONICLES "BONS DIAS!" (GOOD DAYS) BY MACHADO DE ASSIS

DISCUSIONES TORNO A LA TEORÍA RACIAL Y DESARROLLO EN LAS CRÓNICAS DE SERIE "BONS DIAS!" DE MACHADO DE ASSIS

Sálua Francinele RIBEIRO[*]

Resumo: O objetivo desta pesquisa é investigar os posicionamentos do narrador da série "Bons dias!", Policarpo, criado por Machado de Assis, referentes à: teoria racial, epidemias e ciência, no Brasil do século XIX. Tomaremos como *corpus* as crônicas da série "Bons dias!", que abordam tais temáticas. A abolição da escravidão, ocorrida em 13 de Maio de 1888, e outras mudanças que estavam ocorrendo no Brasil no final do século XIX, como a discussão sobre a urbanização da cidade do Rio de Janeiro, o combate às epidemias que assolavam a cidade (como a febre amarela e a malária) e os debates em torno das teorias raciais, permitiram que a série de crônicas "Bons dias!" construísse significados junto aos leitores sobre os últimos acontecimentos. Com a análise das crônicas escolhidas é possível aproximarmos das opiniões de Machado de Assis sobre os acontecimentos do seu tempo. Machado de Assis, "na voz" irônica de Policarpo, observou e comentou as temáticas analisadas, mostrando-se contrário a várias opiniões da elite dominante do Brasil do século XIX, no que diz respeito à teoria racial, epidemias e a ciência no Brasil. Machado de Assis, através de seu personagem, Policarpo se mostrou um crítico de várias atitudes da classe dominante.

Palavras-chave: Epidemias. Teoria racial. Urbanização. Crônica.

Abstract: The objective of this research is to investigate positions taken by the narrator of the series "Bons dias!", Policarpo, created by Machado de Assis, referring to: racial theory, epidemics and science in nineteenth century Brazil. We will take as corpus the chronicles of the series "Bons dias!", that approach these subjects.The slavery abolition, which occurred on May 13, 1888, among other changes that were taking place in Brazil during the late nineteenth century, such as the discussion

[*] Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia-MG, Brasil. Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: saluafr@hotmail.com.

regarding the urbanization of Rio de Janeiro city, the fight against epidemics that were devastating the city (yellow fever and malaria), and the debates regarding racial theories allowed the series of chronicles “Bons dias!” to build meanings amongst the readers regarding the latest events.With the analysis of the chosen chronicles it is possible to approach the opinions of Machado de Assis on the events of his time. Machado, “in the voice” ironic of Policarpo, observed and commented on the analyzed themes, being contrary to several opinions of the ruling elite of nineteenth-century Brazil, regarding racial theory, epidemics and science in Brazil. Machado de Assis, through his character, Policarpo, proved to be a critic of various attitudes of the ruling class.

Keywords: Epidemics. Racial Theory. Urbanization. Chronicle.

Resumen: El objetivo de este trabajo es investigar las posiciones adoptadas por el narrador de la serie “Bons dias!” Policarpo, creado por Machado de Assis, en referencia a: teoría racial, las epidemias y la ciencia del siglo XIX en Brasil. Tomaremos como corpus crónica de la serie "Bons dias!", que abordan estas cuestiones. La abolición de la esclavitud, que se produjo el 13 de mayo de 1888, y otros cambios que estaban teniendo lugar en Brasil a finales del siglo XIX, como la discusión de la urbanización de la ciudad de Rio de Janeiro, la lucha contra las epidemias que asolaron la ciudad (como se la fiebre amarilla y la malaria) y los debates sobre las teorías raciales, permitieron que el número de crónicas “Bons dias!” construir significados con los lectores sobre las últimas novedades. Con el análisis de la crónica seleccionada podemos abordar el Machado de Assis de puntos de vista sobre los acontecimientos de su tiempo. Machado de Assis, “la voz” irónico Policarpo, observó y comentó sobre los temas analizados, por ser contrarias a las diversas opiniones de la élite gobernante del Brasil del siglo XIX, en relación con la teoría racial, las epidemias y la ciencia en Brasil. Machado de Assis, a través de su personaje, Policarpo resultó fundamental en diversas actitudes de la clase dominante.

Palavras clave: Epidemias. Teoria racial. Urbanización. Crônicas.

Introdução

Em 5 de abril de 1888, Machado de Assis iniciou uma nova série de crônicas no jornal *Gazeta de Notícias*, num total de 49 publicadas até o dia 29 de agosto de 1889. As crônicas foram posteriormente compiladas em livro pelo autor John Gledson[4]. Faremos um recorte na série privilegiando as crônicas em que os debates em torno da teoria racial, epidemias e ciência aparecem

[4] Machado de Assis (2008).

como tema central, ou seja, as crônicas que foram escritas após a instituição da Lei Áurea, em 13 de Maio de 1888. Será problematizado, portanto, nesse trabalho, a influência da ciência no Brasil do século XIX. Por razão de a ciência ter contribuído para a criação de determinadas noções como: teorias raciais, higienização e a desvalorização de práticas curandeiras, em favor da nova medicina que surgia; será importante perceber como o cronista Machado de Assis falava aos seus leitores "dessa modernidade", que insistia no projeto de um Brasil harmonioso, preocupado com o trabalho e com o ideal de nacionalidade.

O jornal *Gazeta de Notícias* foi fundado em 1874 por Ferreira de Araújo. A publicação era vendida nas ruas do Rio de Janeiro, sendo um dos mais importantes jornais de sua época. A série "Bons dias!", justamente pelo seu período de publicação, é de extrema importância, pois trata de um período importante na história do Brasil, a abolição da escravidão e a substituição do regime monárquico pela República.

Machado de Assis cria um narrador fictício de nome Policarpo para narrar as crônicas. Embora o pseudônimo Policarpo tenha aparecido apenas na décima crônica da série, no dia 1º de junho de 1888, já na primeira crônica, encontramos algumas características desse narrador, nesse caso, sua profissão de relojoeiro. É importante frisarmos, portanto, que as opiniões contidas na série sobre vários assuntos não devem ser pensadas como opiniões do seu autor, embora ao analisar as crônicas devamos refletir sobre a relação de alteridade entre o personagem inventado e Machado de Assis.

Neste artigo, abordaremos de que forma o narrador da série "Bons dias!" Policarpo, fala sobre a teoria racial, epidemias e ciência, considerando que esses foram os principais assuntos que a série "Bons dias!" abordou após a abolição da escravidão. Sem dúvida, esses assuntos estavam sendo muito debatidos na época, pois como veremos adiante, o Brasil passava por várias mudanças no final do século XIX, tanto no que diz respeito à mudança do regime Monárquico para o Republicano, mudança que deveria vir acompanhada de progresso, como na questão do trabalhador livre ideal para o Brasil.

1.1 Uma teoria racial da imigração: "novo" projeto para o Brasil

Nas crônicas de 28 de outubro, de 10 e de 25 de novembro de 1888, Policarpo aborda o assunto referente à imigração. Após as primeiras experiências de leis que tinham como objetivo a libertação dos escravos (Lei de 1871), a questão da mão-de-obra passou a ser questionada. Como salienta Schwarcz: "Datam dessa época os primeiros debates e experiências com trabalhadores estrangeiros, sobretudo europeus, entendidos nesse momento como os grandes substitutos diante do iminente final da escravidão" (SCHWARCZ, 1993, p. 27).

O discurso em prol da imigração foi defendido justamente porque alguns reformadores do século XIX intentavam a ideia de um país coeso e homogêneo em contrapartida ao Brasil heterogêneo por causa da mistura de raças. Sob as influências das teorias raciais, vindas da Europa e dos Estados Unidos, muitos reformadores passaram a ver o ex-escravo não mais como um possível trabalhador livre. Com o advento das teorias raciais baseadas no positivismo, no evolucionismo e no darwinismo social na década de 1870, o negro não foi compreendido mais como um sujeito passível de inserção na sociedade, muito pelo contrário, esse deveria ser substituído pelo imigrante europeu branco. Azevedo aponta o surgimento deste ideário: "É o tema do imigrante ideal e o tipo de condições que lhe deviam ser oferecidos a fim de que ele se fixasse no país e cumprisse com a sua suposta missão de introdutor e agente de progresso e civilização" (AZEVEDO, 2003, p.52).

Policarpo comenta em crônica, do dia 28 de outubro de 1888, a atitude política do então senador Visconde Taunay, membro da Sociedade Central de Imigração. O senador tinha como objetivo incentivar a imigração em larga escala e um projeto de nacionalização bem delimitado, o qual versava que toda pessoa residente efetiva no Brasil no espaço de tempo de dois anos seria considerada cidadã brasileira. Este projeto, sem dúvida, visava tornar o imigrante europeu e branco um cidadão brasileiro, e claro, tal medida estava permeada de significados que expressam interesses políticos fundamentados nas teses de superioridade racial branca ou europeia.

Policarpo critica o projeto do senador, escrevendo que essa atitude interfere na liberdade individual de cada indivíduo, pois, para o autor, uma coisa é sair de sua pátria em busca de melhores condições de vida, outra coisa, bem diferente, é trocar essa pátria por outra: "No momento de deixar a pátria, ninguém pensa em trocá-la por outra; todos saem para arranjar a vida" (ASSIS, 2008, p. 189).

Mesmo que os imigrantes, ao final de dois anos, pudessem ir ao consulado ou à câmara municipal e atestarem o desejo de não serem naturalizados brasileiros, Policarpo achava que essa seria uma atitude desnecessária, a qual poderia causar tanto vexame nos estrangeiros quanto nos brasileiros, caso muitos declarassem ao final de dois anos que não desejavam ser naturalizados no país. Sem dúvidas, se isso acontecesse o projeto de uma nação branca, tão sonhada por muitos reformadores, seria frustrado.

Tratando-se das influências das teorias raciais no Brasil, há um ponto fundamental nessa crônica, como veremos a seguir, nas palavras de Policarpo que, mais do que isso, comenta sobre o projeto de Taunay:

> Mas o projeto traz outras coisas que bolem comigo, e até uma que bole com o próprio autor. Este faz propaganda contra os chins; mas, não havendo meio legal de impedir que eles entrem no Império, aqui temos nós os chins, em vez de instrumentos de trabalho, constituídos em milhares de cidadãos brasileiros, no fim de dois anos, ou até de um. Excluí-los da lei é impossível. Aí fica uma consequência desagradável para o meu ilustre amigo (ASSIS, 2008).

O trecho acima mostra que está evidente para Policarpo que o projeto político da nação, do qual tantos reformadores e o próprio Vereador Taunay advogavam e almejavam, não incluía "qualquer" cidadão; os chins (chineses), por exemplo, não eram bem vistos (incluídos). Segundo Nascimento (2008)[5], embora não se mostrasse tão

[5] Naira de Almeida Nascimento, em artigo publicado na Revista de História Regional, aborda a crítica desenvolvida por Silvio Romero em 1888 ao trabalho de Visconde de Taunay. Romero evidenciava a contradição entre o Taunay romancista e político. Naira Nascimento debate em seu artigo que no lugar da contradição que Romero disse, ela percebe a construção de um percurso histórico que levou Taunay à eleição

em sintonia com a geração de 70, a análise de Taunay sobre a sociedade brasileira se assemelha muito à ideia evolucionista difundida no Brasil. Como veremos, para esse vereador, o liberto não podia se transformar em trabalhador livre:

> É, além disso, impossível a conveniente evolução moral do liberto, do agregado, do camarada, do caipira, do capanga, do sertanejo e do capoeira, em trabalhador livre, independente e laborioso, sem as lições do exemplo, sem o estímulo dado praticamente pelas mais adiantadas raças da Europa, ricas de ideias, ávidos do pacífico gozo das comodidades que, na vida social da América, proporcionam o suor quotidiano e a consciência dos deveres e direitos (NASCIMENTO, 2008).

É explícito nesse trecho a preferência racial do então senador Taunay em relação a quem deveria ser inserido no projeto de progresso e nacionalidade do Brasil. Para ele, o negro liberto deveria seguir o exemplo dos trabalhadores livres que viriam ao Brasil, pois esses, viriam da Europa e eram considerados superiores. Quando o senador fala da Europa essa é caracterizada como um lugar rico de ideias, uma sociedade mais adiantada com relação ao Brasil, visto como uma sociedade atrasada se comparada ao "mundo ocidental". Tal atraso brasileiro era, sobretudo, justificado pela inferioridade racial do negro, que a partir de então não era somente uma inferioridade vista em relação às práticas culturais, mais também aos aspectos biológicos e físicos.

Na crônica do dia 10 de novembro, Policarpo cita a questão dos chins novamente, mas já informa que esse é um assunto que já está esgotado, por isso se propôs a dar um prêmio de um conto de réis a quem apresentasse um argumento novo, quer a favor, quer contra os chins. Policarpo nos diz que recebeu a resposta de apenas um concorrente, dizendo o seguinte: "Dizendo-me que ainda que havia um argumento científico, e era este: "A criação animal decresce por este modo: o homem, o chim, o chimpanzé" (ASSIS, 2008, p. 195).

da figura do sertanejo e sua posterior descrença. A partir de então é que se assume o político defensor da causa imigratória.

Nesse trecho fica explícito que a resposta que Policarpo recebeu, faz alusão a teoria evolucionista de Darwin. O concorrente faz referência ao chim como se fosse o mais próximo do chimpanzé, ou seja, o chim seria o intermediário entre o homem e o chimpanzé. O argumento nos parece novo já que o concorrente se referiu à teoria evolucionista para então explicar a inferioridade dos chins, mas o preconceito em relação aos mesmos não era novo, e Policarpo parecia já estar cansado desse assunto.

1.2 A velha dama, que não se esquece de nós

Policarpo, em crônica do dia 26 de janeiro de 1889, discute um assunto que já vinha sendo pautado desde 1850, devido ao aparecimento de epidemias na corte (de febre amarela, malária, varíola e a cólera). No entanto, o Brasil, na primeira metade do século XIX, era considerado um país com boas condições de salubridade em detrimento a outros países. Sidney Chalhoub nos diz que:

> Apesar da posição geográfica, do clima e da abundante presença de outros elementos que o conhecimento médico do período considerava causadores de doenças epidêmicas das mais graves, o fato notável era que o país permanecia livre das duas pestes mais aterrorizantes do tempo (CHALHOUB, 1996, p. 60).

Mesmo que até meados de 1850 o Brasil estivesse livre das duas pestes mais aterrorizantes do tempo, isso não significava que as condições sanitárias da corte imperial eram impecáveis. Muitos observadores tentaram demonstrar que o Brasil tinha uma condição de salubridade favorável e que o aparecimento da febre amarela em 1850 era culpa dos estrangeiros que chegavam aqui, especialmente os negros que traziam as doenças ao chegarem ao Brasil através do tráfico negreiro.

Sidney Chalhoub nos diz que se tratando da comunidade médica, muitos acreditavam haver uma relação intrínseca entre a eclosão de epidemias de varíola na cidade do Rio de Janeiro e o tráfico negreiro (CHALHOUB, 1996, p. 109). Em crônica de 19 de março de 1889, Policarpo cita um famoso médico higienista chamado José Pereira Rego. Esse foi o mais importante higienista e historiador

referente às questões de saúde pública no Brasil do século XIX; Rego também associou a ocorrência da varíola na cidade às condições do tráfico negreiro. "Para Rego, por exemplo, a única explicação possível para o fato de a varíola ter se ausentado da Corte por quatro anos seguidos, no início dos anos 30 era a abolição do tráfico em 1831" (CHALHOUB, 1996, p 109).

A quem Policarpo chama de "a velha dama, que não se esquece de nós" é justamente a febre amarela. Como podemos perceber, essa menção pode ser uma alusão ao fato de a doença ter aparecido em meados de 1850, e até 1889 ela insistir em permanecer no país, fazendo muitas vítimas. Como podemos ler neste trecho abaixo:

> Com efeito, não se fala de outra coisa. Tudo quer, tudo pede, tudo deseja saúde, ou pelo menos, a ausência da febre amarela. Esta velha dama, que estabeleceu aqui um pied-à-terre, não se esquece de nós inteiramente; há anos em que traz toda a criadagem, e estabelece-se por uma estação e mais. Não é bonita, nem graciosa, nem se sabe quem seja, conforme dizem os abalizados. Eu creio, no tocante à genealogia, que é neta em quadragésimo grau do famoso Gargantuá (ASSIS, 2008, p. 223-224).

Quando Policarpo nos diz que a febre amarela não era bonita, nem graciosa, nem se sabe quem seja, conforme os abalizados, o narrador nos informa a respeito dos debates e teorias médicas da época que estavam investigando as possíveis causas da febre amarela e de outras doenças. Não havia um consenso no que diz respeito às causas da doença, por exemplo, existia um deputado que achava que era um castigo divino, por isso havia feito até um projeto para a construção e a reforma de várias igrejas com o intuito de amenizar a ira de Deus. Os médicos higienistas procuravam explicações científicas para o aparecimento da febre amarela, achavam que a epidemia era um fenômeno natural, o resultado de várias combinações atmosféricas nocivas à vida humana (CHALHOUB, 1996, p. 63).

É interessante observar que mesmo os médicos higienistas ou as autoridades do Império não tinham uma opinião consensual e pronta capaz de interpretar as causas da epidemia de febre amarela e, tampouco, propor medidas para sua prevenção, pois quando Policarpo

nos diz que "Nem se sabe quem seja, conforme dizem os abalizados", se focarmos no significado dessa última palavra, ele está se referindo às autoridades e às fontes autorizadas que, naquela época, eram os médicos higienistas. A principal questão teórica dos médicos naquele período era:

> [...] descobrir se a febre amarela se propagava por contágio ou infecção. Os contagionistas acreditavam que a doença podia ser transmitida de pessoa a pessoa, ou diretamente, através do contato físico, ou indiretamente, através do toque em objetos contaminados pelos doentes ou da respiração do ar que os circundava. Por infecção se entendia a "ação exercida na economia por miasmas mórbidos". Ou seja, a infecção se devia à ação que substâncias animais e vegetais em putrefação exerciam no ar ambiente. A infecção não atuava senão na esfera do foco do qual se emanavam os tais "miasmas morbíficos". Era possível que uma doença infecciosa se propagasse de um indivíduo doente a outro; contudo, tal processo não ocorria propriamente por contágio: o indivíduo doente agia sobre o são ao alterar o ar ambiente que os circundava (CHALHOUB, 1996, p. 64).

Esses debates duraram anos, muitos desses médicos higienistas, durante toda a vida, buscaram possíveis explicações para o mal que assolava o país. Ainda, na mesma crônica, Policarpo de forma sarcástica nos diz que a febre amarela "come que é o diabo, e dá muito de comer à empresa funerária, a qual, devendo detestá-la, pelo lado humano, não pode desadorá-la por outro lado, não menos humano" (ASSIS, 2008, p. 224). O comentário sarcástico de Policarpo nos diz que apesar de tantas mortes por causa da epidemia de febre amarela e por mais pesar que as empresas funerárias tivessem, pois se preocupavam com a vida humana, por outro lado, estavam a lucrar muito com tantas mortes.

O comentário de Policarpo é bem pertinente se levarmos em consideração que não era somente as empresas funerárias a lucrarem com as mortes causadas pela febre amarela e por outras doenças, mas também os empresários ligados à área de construções. Alguns médicos

higienistas, principalmente aqueles ligados à Junta Central de Higiene,[6] acreditavam que as habitações coletivas, mais conhecidas como cortiços, seriam focos de erradicação de epidemias por causa das condições sanitárias desses lugares; por isso, fiscalizavam os cortiços e mandavam fechar a grande maioria ou exigiam reformas. "O discurso dos sanitaristas interessou aos grupos empresariais ligados à construção, que viram a oportunidade de construir novos lugares de habitação nos centros da cidade do Rio de Janeiro" (CHALHOUB, 1996, p. 52). O essencial era que os cortiços fossem demolidos, pois muitos ocupavam terrenos bem localizados, e com o crescimento urbano, o governo imperial desejava construir novas moradias bem estruturadas e para que pudessem receber os imigrantes que chegavam ao Brasil. Não era interessante para o governo a manutenção dos cortiços, até porque quem habitava os mesmos eram ex-escravos, negros pobres e pessoas de baixa renda.

Ainda na mesma crônica, Policarpo continua com o assunto referente à febre amarela de forma sarcástica, quando nos diz o seguinte:

> Seja ela (a febre) o que for, é certo que, assim como na França tout finit par deschansons, cá em nossa terra tout finit par dês polcas. Os bailes não se adiam, e fazem bem. Na pior da hipótese, morre-se; mas antes ir pra cova ao som de um tango, como os vizinhos da matriz de São José, que sem música nenhuma. Ergo bibamus! (ASSIS, 2008, p. 224).

Neste trecho, Policarpo nos diz que as pessoas não deveriam deixar de ir aos bailes por causa da febre amarela, mesmo que contraíssem a doença, era melhor ir à cova tendo antes ouvido o som de um tango. Esse ponto de vista do narrador contradiz com a opinião de alguns políticos que acreditavam que a "cólera divina (febre amarela) fora despertada pelos vícios e pecados da população do Rio, e se prolongava porque continuavam os espetáculos públicos, festas,

[6]A Junta foi um órgão do governo imperial que tinha como objetivo zelar pelas questões de saúde pública. Essa Junta criou uma série de medidas para o combate das epidemias, principalmente da febre amarela, entre uma dessas medidas, estava a destruição de cortiços ou a reforma dos mesmos. Acreditava-se que os cortiços, por causa da sua condição de higiene ajudavam a propagar a febra amarela.

bailes etc, durante o desenrolar da epidemia" (CHALHOUB, 1996, p.63). Policarpo parecia não partilhar dessa mesma opinião, porque talvez não acreditasse que a doença fosse contraída por contágio, ou seja, pelo contato físico com pessoas já doentes, como era defendido por contagionistas. Para ele, na pior das hipóteses, morre-se, o que nos permite dizer que o narrador parecia cético em relação à versão dos médicos que defendiam o contágio.

Em crônica de 6 de fevereiro e 19 de março de 1889, o narrador da série ainda aborda o assunto referente à febre amarela, como veremos em trecho da crônica:

> Deus seja louvado! Choveu... Mas não é pela chuva em si mesma que o leitor me vê aqui cantando e bailando; é por outra coisa. A chuva podia ter melhorado o estado sanitário da cidade, sem que me fizesse nenhum particular obséquio. Fez-me um; é o que eu agradeço à Providência Divina. Já se pode entrar num bonde, numa loja ou numa casa, bradar contra o calor e suspirar pela chuva, sem ouvir este badalo (ASSIS, 2008, p. 231).

Policarpo, neste trecho, parece concordar com os infeccionistas, que tentando descobrir as causas da febre amarela, acreditavam que as chuvas ajudariam a restaurar o equilíbrio da natureza, e evitaria que partículas venenosas subissem na atmosfera. O narrador louva a Deus pela chuva, justamente por ter melhorado o estado sanitário da cidade, ou seja, por não ter permitido que miasmas, que alguns acreditavam que ficavam no solo e subiam para a atmosfera por causa do calor excessivo, causassem assim as epidemias. Para muitos higienistas, uma das causas principais da febre amarela era o calor, enquanto outros acreditavam que era as condições sanitárias da cidade:

> O calor tornara-se sufocante e, segundo alguns doutores extremamente atentos, era possível perceber partículas venenosas desprendendo-se do solo e subindo em direção a atmosfera triste e cinzenta. Outros doutores enfatizavam que o surgimento da moléstia se devia, em primeiro lugar, à negligência geral em relação às condições sanitárias da capital (CHALHOUB, 1996, p. 66-67).

Podemos perceber que ainda não havia consenso no que diz respeito às causas da febre amarela. Policarpo reproduz algumas opiniões da época, por ora parece tomar partido de um tipo de explicação em detrimento de outra. Na crônica do dia 19 de março de 1889, Policarpo comenta a notícia do falecimento do senhor Jacome de Bruges. No decorrer da crônica, o narrador narra a chegada de Bruges ao céu, e quando interrogado por São Pedro, se ele havia confessado e sido absolvido antes de morrer, Bruges nos responde: "Não, não cheguei a confessar-me, por ter morrido de um acesso pernicioso fulminante, que o Barão de Lavradio diz não saber o que é" (ASSIS, 2008, p. 254).

Segundo John Gledson, o barão de Lavradio foi um dos médicos mais famosos do Segundo Reinado, médico da família imperial. (ASSIS, 2008, p. 255).

1.3 "Eles ainda não perderam o governo da multidão"

Durante todo o decorrer do Império brasileiro, com o objetivo de conseguir maior prestígio entre as autoridades brasileiras e a população em geral, os médicos tentaram estruturar e fazer com que a medicina fosse a única forma legítima da arte de curar, em detrimento de tantas práticas de curas que existiam. Para que a medicina conseguisse esse status, os médicos além de realizar reformas e melhorias no interior da mesma eles deveriam combater qualquer outra prática que não fosse considerada científica, mas especificamente, eles deveriam combater os curandeiros e suas práticas. Os curandeiros eram vistos como a verdadeira ameaça aos médicos, justamente porque suas práticas eram bem conhecidas e solicitadas. Com o intuito de fortalecer suas corporações, os médicos fundaram em 1929 a Sociedade de Medicina da Corte, que em 1835, passou a se chamar Academia Imperial de Medicina (SAMPAIO, 2001).

Lá reunidos, travaram diversas batalhas para obter legitimidade para sua ciência e influência junto às autoridades do governo. Longe de ser uma tarefa simples, a consolidação daqueles representantes da medicina científica como influentes e poderosos diante da sociedade foi um processo conflituoso e lento, atravessado

sempre por novas dificuldades não imaginadas pelos doutores (SAMPAIO, 2001).

Sem dúvida, a maior dificuldade encontrada por esses médicos eram as práticas ilegais da medicina. Os médicos formados em faculdades praticamente não existiam no início do século XIX; eram os curandeiros, os barbeiros sangradores, os benzedeiros e outros, os agentes de cura que existiam no Brasil (SAMPAIO, 2001). O título[7] deste item faz referência a esses curandeiros e agentes de cura em detrimento dos médicos cientistas, esses curandeiros não haviam perdido o governo da multidão, pelo contrário, ainda eram bastante requisitados pela sociedade brasileira, e não somente pela classe pobre, mas também por pessoas pertencentes à classe abastada.

Como vimos, a imprensa não somente noticiava os fatos, mas também oferecia aos leitores significados e opiniões sobre os acontecimentos. O curandeirismo foi um assunto bastante discutido no final do século XIX, e a imprensa procurando dar significados ao tema, mostrou ser por ora contra as práticas dos curandeiros.

Em crônica do dia 14 de junho de 1889, o assunto abordado por Policarpo é o curandeirismo. Policarpo faz referência justamente a esse embate que acontecia no século XIX em relação às práticas dos curandeiros, e é bem enfático ao afirmar que os mesmos estavam sofrendo uma verdadeira perseguição. “Imprensa, política, particulares, todos parecem haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo da multidão” (CHALHOUB, 1996, p. 164).

Policarpo cita que os curandeiros estavam sofrendo uma perseguição por parte da imprensa, que, segundo Gabriela Sampaio, “em sua missão pedagógica de ‘persuasão’ e ‘doutrinamento do povo’, deveria agir, cobrando das autoridades que cumprissem seus deveres e acabassem com aquele ‘mal’, deixando de ser ‘condescendentes’ com o curandeiro” (SAMPAIO, 2001, p. 22). É importante notar que mesmo que os curandeiros, como bem nos diz Policarpo, estavam sendo perseguidos, não podemos deixar de notar a última frase do narrador, que nos diz “O que lhes vale ainda um pouco é não terem

[7] A frase do título foi retirada da crônica do dia 14 de junho de 1889, de Machado de Assis (2008, p. 273).

perdido o governo da multidão". Essa frase nos diz muito, pois como é possível os curandeiros sofrerem tanta perseguição por parte dos políticos, médicos higienistas e da imprensa e ainda possuírem o governo da multidão? Essa resposta, talvez, possa nos ser dada levando-se essa discussão para o âmbito da própria imprensa.

Os jornais do Rio de Janeiro do século XIX publicavam quase diariamente as discussões e os embates entre os próprios médicos higienistas, que discordavam sobre as causas das doenças e sobre os diagnósticos das mesmas. Esses doutores se acusavam publicamente, alguns acusavam o outro de matarem seus pacientes por não terem feito o tratamento adequado, o que sem dúvida, foi um motivo contundente para que as pessoas demorassem tanto para confiar nesses médicos, ou mesmo procurá-los em caso de doenças, pois ainda confiavam nos procedimentos dos curandeiros.

Ao atacar seus adversários, os médicos deixavam claro para os leitores dos jornais um outro lado daquela medicina científica: as falhas e os absurdos que os doutores tanto recriminavam quando se referiam aos praticantes de outras atividades de cura, os chamados "charlatães", eram também cometidos, e muito, por eles mesmos (SAMPAIO, 2001, p. 33).

Era nítido que não havia consenso entre os médicos e os procedimentos dos mesmos. Não era possível dar razão a qualquer médico, até porque todos cometiam erros e falhas. Isso indica que por maiores que fossem as mudanças que estavam ocorrendo no século XIX, bem como a perseguição aos curandeiros, os médicos mesmo tentando frisar sua superioridade, ainda não tinham conseguido obter a legitimidade que tanto queriam e principalmente entre todos os setores sociais. Os membros da classe médica sentiam-se responsáveis pela tarefa de "conduzir o país ao progresso científico, rumo à 'modernidade' e à 'civilização', mas eles mal davam conta das tarefas que lhes cabiam, reconhecendo que eram impossibilitados de atender a todas as exigências do serviço" (SAMPAIO, 2001, p. 41).

Porém, mesmo com a disputa travada entre os médicos, os jornais do Império, atacavam os curandeiros e cada vez mais os debates cresciam a respeito da legalização da medicina. Esses debates estavam presentes desde 1840, mas eram mais restritos aos médicos,

porém ao final do XIX e principalmente com o advento da República, no qual estava sendo discutida a elaboração de um novo Código Penal.

Além de relatar as denúncias dos curandeiros, a imprensa também dava sua opinião sobre os mesmos. E nessas opiniões era perceptível saber de que lado os jornais estavam. A imprensa usava alguns termos como "terríveis curandeiros", declarando de forma explícita seu apoio ao combate àqueles agentes de cura, ainda tão procurados; segundo o narrador Policarpo nos informou e vemos ainda em trecho da mesma crônica, de 14 de junho de 1889.

> Os curandeiros anunciavam livremente, não se iam esconder em Niterói, como o célebre caboclo, ninguém os ia buscar nem prender; punham na imprensa o nome da pessoa, o número da casa, o remédio e a aplicação. Às vezes, o curandeiro em vez de chamar, era chamado, como se vê nestas linhas da mesma data: "Roga-me ao senhor que cura erisipelas, feridas, etc,. de aparecer na Rua do Valongo nº 147 (ASSIS, 2008, p. 274).

Neste trecho, percebemos que os serviços dos curandeiros, ainda eram procurados e esses anunciavam livremente seus produtos, até mesmo nas próprias páginas dos jornais que tanto os criticavam. Mas policarpo, anuncia o fim dos mesmos, quando nos diz que "todas as coisas deste mundo têm princípio, meio e fim" (ASSIS, 2008, p. 275) e ainda quando ao final da crônica, com um tom melancólico, nos diz "Bons curandeiros! Tudo passa com os anos, tudo, a proteção romana e a tolerância carioca; tudo passa com os anos...ò doce, ò longa, ò inexprimível melancolia dos jornais velhos"! (ASSIS, 2008, p. 274).

Na crônica do dia 29 de agosto de 1889, última que será analisada, Policarpo ainda fala sobre os curandeiros, mais especificamente sobre um, de nome Tobias Figueira de Melo. Ao iniciar a crônica, Policarpo nos diz:

> Hão de fazer-me esta justiça, ainda os meus mais ferrenhos inimigos; é que não sou curandeiro, eu não tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia, sequer, de curandeiro. Quando adoeço não é de espinhela caída, coisa que podia aconselhar-me a curandeira; é sempre de moléstias latinas ou

> gregas. Estou na regra; pago impostos, sou jurado, não me podem arguir a menor quebra de dever público (ASSIS, 2008, p. 295).

Policarpo começa a crônica esforçando-se para provar seu distanciamento às práticas de curas não-cultas, nesse caso, o curandeirismo. O narrador nos diz que está na regra e que não podem acusá-lo de quebra de dever público. Aqui, o autor parece querer estar do lado das pessoas que se diziam "civilizadas" e de "bem" que não mantinham relações com os curandeiros, até porque, Policarpo, parecia sofrer apenas de doenças latinas e gregas, e essas deveriam ser tratadas por médicos. Um curandeiro parecia poder diagnosticar doenças simples, como o próprio narrador nos fala, "espinhela caída", mas não podia aconselhar sobre doenças sérias (ASSIS, 2008, p. 295).

Analisando o restante da crônica, percebemos que, por mais que Policarpo quisesse passar a impressão de que compactuava com a perseguição aos curandeiros, ele também reconhecia que as práticas dos mesmos foram importantes para o Império, principalmente se considerarmos que a medicina demorou a ser institucionalizada no Brasil. Segue trecho da crônica que exemplifica a opinião de Policarpo a respeito dos curandeiros, opinião que não parecia tão ferrenha quanto aquelas dos médicos higienistas.

> Punamos o curandeiro, mas não esqueçamos que a curandeira foi à célula da medicina. Os primeiros doentes que houve no mundo, ou morreram ou ficaram bons. Interveio depois o curandeiro, com algumas observações rudimentárias, aplicou ervas, que é o que havia a mão, e ajudava a sarar ou a morrer o doente. Daí vieram andando, até que apareceu o médico. Darwin explica por modo análogo a presença do homem na terra. Eu tenho um sobrinho, estudante de medicina, a quem digo sempre que o curandeiro é pai de Hipócrates, e sendo o meu sobrinho filho de Hipócrates, o curandeiro é avô do meu sobrinho; e descubro agora que vem a ser meu tio, fato que eu neguei a princípio. Também não borro o que lá está (ASSIS, 2008, p. 296).

Gabriela dos Reis Sampaio ao analisar essa crônica mostra que Policarpo, se contradiz e acaba confessando que tem sim parentesco com curandeiros, embora tenha negado tal fato no início da crônica.

Embora o texto do narrador pareça contraditório, Sampaio diz que o narrador da crônica sabia exatamente sobre o que estava falando. Segundo a historiadora, o narrador parecia querer acompanhar o movimento de modernização do país em direção à ordem, ao progresso e aos novos hábitos tão louvados por higienistas, mas há também nas crônicas de Policarpo e, principalmente, nas crônicas que tratamos sobre o curandeirismo, uma determinada denúncia das atitudes das autoridades que tentavam impor seus padrões e valores científicos como norma, passando por cima de antigas tradições e hábitos que eram tão arraigados em diversos grupos sociais. Para Sampaio:

> Machado de Assis realiza, através do estranhamento de Policarpo, uma severa crítica às atitudes repressivas dos higienistas, que taxavam o diferente de inferior, bárbaro ou atrasado para justificar sua dominação e para garantir sua posição, afastando a ameaça daquela "lucrativa indústria", se tinham lucro é porque eram muito procurados; se o eram, ameaçavam a classe médica, que ainda não tinha conseguido conquistar a confiança das pessoas em seus tratamentos (SAMPAIO, 2001, p.104).

Conclusão

Notamos que a opinião de Policarpo por ora concorda com os higienistas e condenam as práticas dos curandeiros, por ora reconhecia o valor dos últimos. E era inegável que, como já foi dito acima, a classe médica ainda não era uma classe que tinha conseguido se legitimar como tal, havia muita divergência entre os médicos, o que talvez não permitia a população de uma forma em geral, nesse caso podemos incluir nosso narrador Policarpo, uma opinião totalmente formada e coerente a respeito dos acontecimentos e principalmente a respeito dos médicos higienistas. Como podemos perceber as crônicas "Bons dias" nos falam sobre os principais assuntos que estavam acontecendo no século XIX. Machado de Assis, "na voz" de Policarpo, observou tais fatos e os comentou, suas opiniões se mostraram, muitas vezes, contrárias e desconfiadas da elite da época. Policarpo se mostrou um crítico de várias atitudes dessa classe dominante, por diversas vezes ele abordou os assuntos de forma irônica e mostrou-se

em dúvida sobre qual opinião deveria seguir, principalmente quando o assunto abordado era sobre os médicos higienistas.

Referências

ASSIS, Machado. **Bons dias!** Introdução e notas de John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

AZEVEDO, Célia Marinho de. **Onda Negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites - século XIX. São Paulo: Annablume, 2003.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão. **Artes e ofícios de curar no Brasil.** Editora Unicamp, 2003.

_____. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

NASCIMENTO, Naira. **Do sertanejo à campanha imigratória**: Imagens do Brasil pelo Visconde de Taunay. **Revista de História Regional**. v.13, n.2, p.170-190, Inverno, 2008.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Ed. da Unicamp, 2001.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: 10 de agosto de 2016
Aceito em: 10 de outubro de 2016